

## 4.7. PLANO LOGÍSTICO DAS PRÓXIMAS QUATRO OFICINAS

### INTRODUÇÃO

O Plano Logístico descreve as 04 Oficinas Territoriais finais, com a caracterização de cada comunidade que sediará o encontro; os procedimentos adotados para alimentação, hospedagem e transporte e a relação dos participantes.

Na 1ª Oficina Nacional, foi estabelecido um momento específico para colher informações detalhadas, a respeito das estruturas existentes, itinerários para chegar na comunidade e acordos para a realização da oficina no território. Este procedimento se deu por meio de entrevista com cada liderança, responsável pela atividade na sua comunidade.

As Oficinas Territoriais ocorrerão nos territórios quilombolas, a hospedagem e alimentação serão fornecidas pela própria comunidade, respeitando a dinâmica e capacidade de cada uma, seja em acolher os participantes nas próprias casas ou na aquisição de alimentos produzidos pelos próprios moradores da(s) comunidade(s). Esta atividade irá contribuir com um aporte financeiro à comunidade, além de fomentar a organização e articulação interna para acolher o evento.

Para cada Oficina Territorial foi indicada uma liderança quilombola, esta definida por cada comunidade sede da oficina, a qual é responsável em planejar e executar as atividades para a realização do encontro e manter contato constante com o ISA e Negra Anastácia, com objetivo de viabilizar a execução da oficina.

A comunicação vem sendo feita por meio de whatsapp e para cada oficina, criou-se um grupo específico, com a liderança responsável, a equipe do ISA e da Associação Negra Anastácia.

O ISA estabeleceu um termo de repasse com a Associação local, definida pela comunidade, para o pagamento dos serviços e produtos que serão utilizados durante a oficina.

As comunidades que sediarão as oficinas já estão acostumadas a realizar eventos desta natureza, inclusive, com experiência em turismo de base comunitária.

Está sendo organizado para cada oficina, manifestações culturais para distrair e animar os participantes durante a noite. É uma oportunidade de trocas culturais entre os próprios quilombolas, que possuem uma grande diversidade cultural e os demais participantes.

#### **1. Oficinal Territorial 5 Santarém (PA):**

A Oficina de Santarém é a única que não será realizada no quilombo, optou-se por realizar na cidade, em razão da complexidade de deslocamento dos participantes, em especial, os quilombolas do estado do Pará.

O Pará, é estado que possui o maior número de territórios quilombolas titulados no Brasil – 58 pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA) e 10 pelo Incra. No município de Santarém existe 12 comunidades, em 10 territórios.

A Federação das Organizações Quilombolas de Santarém - FOQS é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, criada em 10 de março de 2006 com o objetivo de lutar pela implementação de políticas públicas para as comunidades quilombolas do município de Santarém.

Atualmente na FOQS estão filiadas 07 associações quilombolas que representam as 12 comunidades de remanescentes de quilombos existentes no município. Em suas lutas por políticas públicas a FOQS também conta com a parceria da Coordenação das Associações das Comunidades de Remanescentes de Quilombos do Pará - Malungu e da Coordenação Nacional de Quilombos - Conaq.

São diversos os parceiros dos quilombolas no Pará, dentre eles, destacam-se Terra de Direitos, Comissão Pró Índio (SP), Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém, Fundação Ford e Ministério Público Federal e Estadual.

## **LOGÍSTICA DA OFICINA**

### **- Hospedagem:**

A hospedagem será na sede da FOQS, localizada em Santarém. Possui uma boa estrutura, com uma ampla sala para reuniões, para as refeições e espaços para grupos de trabalhos. Também possui redários, onde serão acomodados os participantes. Tem diversos banheiros. Os participantes levarão roupa de cama e toalha.

### **- Alimentação:**

Todas as refeições serão produzidas no local da oficina, com alimentos, na sua maioria, produzido pelas comunidades quilombolas, próximas de sede. Para os serviços de limpeza e produção da alimentação serão contratadas pessoas da comunidade.

### **- Transporte:**

O meio de transporte para aqueles de outros estados será aéreo e os demais deverão ir de barco e ônibus. Para o traslado do aeroporto à FOQS será contratado serviço de táxi local.

### **- Participantes**

Está prevista a participação de 30 representantes do estado do Pará, 02 do Amazonas, 02 do Amapá e 01 de Rondônia.

## **2. Oficina Territorial 6 - Quilombo Paiol de Telha (PR):**

O território quilombola situa-se no município de Reserva do Iguaçu, numa localidade conhecida como Fundão, mas muitas famílias estão dispersas nos municípios de Guarapuava e Pinhão devido aos conflitos fundiários e expulsão das terras. A oficina ocorrerá no assentamento do INCRA chamado Paiol de Telha, situado no município de Guarapuava (onde reside Ana Maria, a coordenadora local da oficina), porque o núcleo povoado do quilombo ainda não possui estrutura para realização da mesma.

O direito territorial das famílias quilombolas de Paiol de Telha remonta a 1860, ano em que Balbina Francisca de Siqueira deixou para seus escravos parte de suas terras, os "fundos" da fazenda Capão Grande (conhecido como Fundão).

Ao longo da década de 1960, as famílias foram expulsas por grileiros, jagunços e pistoleiros. A região foi intensamente ocupada por colônias de alemães. O território quilombola está sob posse da cooperativa agrícola.

2005 – Abertura do processo administrativo de titulação do território da comunidade Paiol de Telha no INCRA.

2014 – INCRA finaliza estudos e assina portaria de reconhecimento da comunidade e território quilombola.

2015 - Decreto de desapropriação de uma área do território quilombola.

Uma parcela minoritária da população quilombola ocupa, e de forma precária, seu território tradicional. As demais famílias quilombolas (todas aparentadas) estão dispersas em 3 municípios da região, residindo em assentamento ou bairros periféricos dos municípios, aguardam o Estado solucionar a questão fundiária para retornarem.

Segundo Ana Maria, liderança do Paiol de Telha, as famílias se dividem em 4 grupos:

- 1) Núcleo da Reserva do Iguazu onde situa-se o território definitivo dos quilombolas do Paiol de Telha, ocupam 168 ha, por ordem judicial (75 famílias).
- 2) Núcleo urbano de Guarapuava, moram distribuídos em 14 bairros da cidade do município (230 famílias)
- 3) Núcleo do Assentamento (INCRA), distrito de Entre Rios, a 25 km da sede do município de Guarapuava, o ônibus percorre 40 km porque passa em colônias de alemães e assentamentos (64 famílias, sendo que metade do assentamento não é quilombola)
- 4) Núcleo Pinhão, nos bairros periféricos do município de Pinhão (110 famílias)

Não tem escola. Elas se deslocam da Fazenda e vão pro centro do município, mais ou menos 30 minutos, se o tempo estiver bom. Da fazenda até o asfalto são 5 km de terra. Transporte escolar: busca na fazenda se o tempo estiver bom. Em dia de chuva o ônibus não entra e as crianças não vão pra escola.

Não há posto de comunidade. Na gestão do prefeito anterior, ia um médico do município. Não há hospital nem UPA em Reserva do Iguape. Parturientes e emergências noturnas vão pra Cândói. Casos graves vão pra Guarapuava. As moradias são muito precárias. Alguns têm casas de madeira ou pré-montado. Quem tem condição de fazer. A maioria é barraco de lona. Não tem saneamento básico. Tiram a água de mina e poço. Não tem banheiro.

A situação de precariedade e dispersão do povo quilombola não permite a manutenção de práticas culturais tradicionais. Mas já houve projetos para retomar a Recomenda da Almas. Isabel Santos da Cruz é uma antiga moradora, e por meio dela os jovens estão resgatando. Os jovens tiveram projeto cultura afro brasileira, capoeira e dança afro. Hoje parado.

Há 100 ha de áreas produtivas no Fundão. O resto é preservação da reserva ambiental. Plantam feijão, milho, plantas domésticas como batata doce e mandioca. Faziam farinha, mas ainda não tem estrutura para isso. Não tem criação de galinha nem vaca de leite (como há no assentamento)

Sobrevivem cesta de alimentos distribuídos pela FCP, aposentadoria e bolsa família. As instituições atuantes no local são Terra de Direitos, Projeto Pro-Rural - Fortalecimento da agricultura, da comunidade e do grupo de mulheres, parceria do Estado do Paraná com Banco Mundial, executado pela Universidade Federal Fronteira Sul.

As principais ameaças são: conflitos com fazendeiros (cooperativa agrícola) - soja, trigo, milho. Avião pulveriza veneno em todo o entorno da ocupação quilombola. Projeto de 2 hidrelétricas no Rio Reserva, vai impactar o território. Não houve audiência pública ainda.

## **LOGÍSTICA DA OFICINA**

### **- Alimentação:**

Todas as refeições serão produzidas no local da oficina, devido a situação local, a maioria dos alimentos, será adquirido fora da comunidade. Para os serviços de limpeza e produção da alimentação serão contratadas pessoas da comunidade.

### **- Transporte:**

O meio de transporte para aqueles de outros estados será aéreo e os demais deverão ir de ônibus, com traslado em Curitiba e Guarapuava. O ISA também dará apoio com o veículo da instituição.

### **- Participantes**

Está prevista a participação de 15 representantes do estado do Paraná, 02 de Santa Catarina, 03 do Rio Grande do Sul e 15 representantes das comunidades.

## **3. Oficinal Territorial 7 - Quilombo Brejo dos Crioulos (MG):**

O Quilombo Brejo dos Crioulos está localizado nos municípios de São João da Ponte, Varzelândia e Verdelândia, possui uma área de 17.302 ha. A oficina vai ocorrer na comunidade de Orion, município de Varzelândia. A comunidade de Ticão (coordenador local) é Araruba, município de São João da Ponte, cerca de 1 km de distância de Orion.

A comunidade de Araruba (dentro o território de Brejo) está a 40 minutos da sede do município de São João da Ponte. De São João da Ponte até o aeroporto de Montes Claros são cerca de 3 horas de viagem rodoviária.

O território possui uma população de 3.000 pessoas, sendo 387 famílias, distribuídas em 460 moradias, segundo dados do Incra. Foi reconhecido no ano de 2011. As Famílias estão distribuídas em 8 pequenas comunidades, vivendo confinadas em pequenas áreas de seu território. As comunidades são: Araruba; Cabaceiros; Caxambu; Conrado; Furado Modesto; Furado Seco; Serra d'Água e Orion.

A vida em Brejo dos Crioulos gira em torno das atividades agropastoris, orientadas pelos períodos de cheias e vazantes. Os quilombolas guardam ainda o saber tradicional de previsão do clima. Antigamente, o ciclo produtivo anual conjugava o cultivo de arroz no brejo, durante as chuvas, ao plantio de feijão nas terras da vazante, no período seco. No brejo fica a "primeira terra", isto é, a melhor para a agricultura, por ser a mais barrenta e estar na beira dos rios e das lagoas. As áreas das vazantes também são boas para a agricultura, por sofrerem a inundação periódica dos cursos d'água. Na descida da água, a terra fica úmida e fértil, pronta para o plantio.

Perto das vazantes são encontradas as "terras de cultura", consideradas "segunda terra", de fertilidade média. Logo depois, vem a "terceira terra", o "carrasco", que acompanha a água vertente ou o divisor de águas. Ali, o solo só é bom para o plantio de alguns produtos: mandioca, capim braquiária e feijão catador. Em relação à terceira terra, carrasco, seu uso era para a pastagem, formada pelo capim nativo taquari.

Nessas áreas não havia cercas, o gado andava solto e era cuidado por todos. Cada rebanho tinha a marca de seu dono. Margeando o vale do Rio Arapuim, alguns terrenos de maior altitude, formados por pedreiras e cobertos de mata, são conhecidos como Serra, de onde jorra água na época das chuvas. Nessa parte, os lajedos de pedra eram cercados durante a piracema do Arapuim e usados para criação de peixes. As margens da Lagoa do Vale do Arapuim e do Córrego Assa Peixe, ou Canabrabal, também são usadas para plantio. É ao seu redor que as famílias encontram o melhor solo. Por isso, ainda hoje, os espaços mais próximos das lagoas são os lugares preferidos para morar. Informações extraídas da *Coleção Terras de Quilombos Minas Gerais – Comunidade Brejo dos Crioulos*.

Segundo estudos feitos, desde meados do Século XVII, negros fugidos da escravidão passaram a se fixar às margens da Lagoa Peroba, existente na vazante do médio ribeirão Arapuim. Com o passar do tempo, muitos outros negros fugidos se dirigiram para a área, aumentando a população que no final do Século XIX era cerca de 30 troncos familiares. Nesse contexto, as famílias ali localizadas desenvolveram um sistema peculiar de organização social, cultural e produtiva, baseada em heranças africanas, indígenas e portuguesas.

A partir da década de 40, o território dos quilombolas de Brejo dos Crioulos foi sendo roubado por pessoas de má fé, que se apropriaram da terra fazendo-os assinar documentos em branco, se faziam de amigos, dizendo que iriam ajudá-los a regularizar a situação da terra. Posteriormente, preenchiam o papel assinado, declarando que houve avenda da terra por parte dos quilombolas.

Desta forma, além de outras, as famílias quilombolas foram perdendo seu território que era amplo e produtivo. Segundo o relato das pessoas mais idosas do quilombo, os únicos produtos que compravam e não conseguiam produzir, era o sal e o café.

Com a expansão agrícola no Norte do Estado de Minas Gerais a partir dos anos 1960, os fazendeiros, utilizando-se de recursos violentos, como jagunços armados, passaram a grilar as terras. Dessa forma, a região foi se constituindo em grandes latifúndios, que tomaram as terras de diversas famílias quilombolas, terras as quais foram herdadas de seus ancestrais. As comunidades quilombolas, que antes viviam em harmonia com ambiente que ocupavam, podendo plantar e preservar a cultura e religiosidade de seus ancestrais, vivem hoje confinadas, ou encurraladas, conforme expressão usada pelos próprios quilombolas, em pequenas áreas que lhes sobraram de seu território original, vivem expostos a violência por parte dos latifundiários, a miséria, pois não há território suficiente para o plantio, além de lutarem cotidianamente para o reconhecimento de seu território. Fator que evidencia ainda mais o descaso com as comunidades quilombolas é o processo de titulação ser extremamente moroso. Desde a Constituição Federal de 1988, apenas uma comunidade quilombola recebeu a titulação do território no estado de Minas Gerais. Segundo dados do CEDEFES (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva) há identificação de mais de 454 comunidades quilombolas no Estado de Minas Gerais (Relatório FIAN Rede de Informação e Ação pelo Direito a se Alimentar).

“No caso de Brejo dos Crioulos, algumas famílias mudaram-se para outras localidades e, outras, se fixaram em 'terra de santo', existente na localidade (Terra de Santo constitui-se de uma gleba de terra doada a Bom Jesus por um dos moradores como pagamento de promessa. Com a expulsão de diversas famílias das terras de seus ancestrais, muitos dos membros da comunidade, não querendo afastar do território, onde sempre viveram

passaram a ocupar essa gleba. Tal ocupação deu origem ao povoado de Araruba, onde residem os deserdados da terra)". (fonte: wikipedia)

Há 8 escolas dentro do território, sendo duas estaduais e 6 municipais. Uma vez por semana, há atendimento médico na comunidade de Furado Seco. Emergência e outros atendimentos são realizados em posto localizado a 17 km de distância.

As instituições atuantes no local são: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA), CPT, poder público municipal, dentre outros. Em Minas Gerais as ações governamentais desenvolvidas pelo Instituto de Terras (ITER) e pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) não contribuem e ainda dificultam a efetivação do direito ao território quilombola. O ITER, numa política de titulação de pequenas posses impede a garantia do acesso ao território em sua dimensão mais ampla, conforme previsto na Constituição Federal.

## **LOGÍSTICA DA OFICINA**

### **- Hospedagem:**

A hospedagem será na escola e na casa de moradores da comunidade. Serão acomodados em colchões, se preferirem podem utilizar redes. Os participantes levarão roupa de cama e toalha.

### **- Alimentação:**

Todas as refeições serão produzidas no local da oficina, com alimentos, na sua maioria, produzido pelas comunidades quilombolas. Para os serviços de limpeza e produção da alimentação serão contratadas pessoas da comunidade.

### **- Transporte:**

O meio de transporte será aéreo e ônibus e haverá traslado de Montes Claros e São João da Ponte para o quilombo.

### **- Participantes**

Está prevista a participação de 15 representantes do estado de Minas Gerais, 05 da Bahia, da região do São Francisco e 15 representantes das comunidades. Há uma expectativa de ter mais representantes das comunidades do território.

## **4. Oficina Territorial 8 (GO, TO, MS e MT)**

A Oficina Territorial 8 que seria realizada no Quilombo de Mesquita, no município de Ocidental (GO), em função de conflitos motivados por fazendeiros e políticos locais, teve o local alterado. Em razão dessa situação, o Ministério do Meio Ambiente alterou o local da oficina, levando o fato para o Grupo de Trabalho GTA, onde este ficou com a responsabilidade de decidir o novo local da oficina.

A Conaq não concordou com a mudança do local da oficina, se posicionando contrária à mudança e não indicou nenhum outro local. A sugestão proposta foi a realização nas cidades de Brasília ou Goiânia. O ISA, responsável em executar a oficina fará novo orçamento e checará onde será o local mais viável, financeiramente